

**A GRAMÁTICA DE ERNESTO FARIA – UM ESTUDO  
SOBRE OS PRONOMES**

Andressa Coelho Froz (UFF)

[andressafroz@id.uff.com.br](mailto:andressafroz@id.uff.com.br)

Leonardo Ferreira Kaltner (UFF)

[leonardokaltner@id.uff.br](mailto:leonardokaltner@id.uff.br)

**RESUMO**

Neste breve estudo sobre a *Gramática superior da língua latina*, publicada em 1958, de Ernesto Faria, traremos os aspectos pronominais de sua obra correlacionando aos pronomes da língua portuguesa. Nesta gramática, temos um estudo detalhado da língua latina, por conseguinte a partir dela analisaremos um capítulo específico dos pronomes a fim de estudar as suas características, como declinações e as suas funções. Assim, debruçamo-nos também na análise do campo morfossintático deste capítulo, que são importantes, por exemplo, para entender como nossos pronomes na língua portuguesa surgiram e se mostram dentro da nossa gramática atual. Dito isto, este estudo mostrará como a língua portuguesa carrega muitos aspectos da sua língua matriz – o latim –, e como mesmo no decorrer dos séculos muitas dessas características ainda permanecem na nossa língua.

**Palavras-chave:**

Pronomes. Língua latina. Língua portuguesa.

**SOMMARIO**

In questo breve studio sulla *Grammatica superiore della lingua latina*, pubblicato nel 1958, da Ernesto Faria, porteremo gli aspetti pronominali della sua opera correlandoli ai pronomi della lingua portoghese. In questa grammatica abbiamo uno studio dettagliato della lingua latina, quindi da lì analizzeremo un capitolo specifico dei pronomi per studiare le caratteristiche, come le declinazioni e le loro funzioni. Pertanto, ci concentriamo anche sull'analisi del campo morfossintattico di questo capitolo, che è importante, ad esempio, per capire come i nostri pronomi in portoghese sono emersi e sono mostrati all'interno della nostra grammatica attuale. Detto questo, questo studio mostrerà come la lingua portoghese porti molti aspetti della sua lingua madre – il latino –, e come anche nel corso dei secoli molte di queste caratteristiche rimangono nella nostra lingua.

**Parole-chiave:**

Pronomi. Lingua latina. Lingua ortoghese.

**1. Introdução**

Para uma melhor compreensão da história da língua portuguesa é necessário que tomemos a língua latina como estudo, logo os aspectos os quais aqui destacamos são a disposição dos pronomes portugueses em re-

flexo da sua língua matriz. A partir desse ponto, seremos capazes de salientarmos uma subclasse dentro da classe de palavras aqui proposta: os pronomes demonstrativos, pois a partir deles compreenderemos o surgimento de elementos morfológicos e do léxico importantes da língua portuguesa.

Embora saibamos, e seja consenso, que o latim é uma das línguas que deu origem ao português, é importante nos situar em como ocorreu esse surgimento, isto é, no processo histórico. O latim clássico era considerado uma língua de prestígio no antigo Império Romano, pois além de ser a língua oficial do antigo Império, sua modalidade era vinculada à educação filosófica e poética grega, o que Cícero rotulou como *humanitas*.

Somente as pessoas da sociedade que tinham acesso à formação filosófica e poética podiam se utilizar de uma língua lapidada para o emprego no pensamento abstrato e na arte em geral, assim como na política. Sendo a língua administrativa, era também o latim dos literatos, e as grandes obras poéticas da civilização romana foram escritas na modalidade clássica do latim, desenvolvido sob o rótulo de *latinitas*.

Em contrapartida nos deparamos com o latim vulgar, *sermo vulgaris*, modalidade que também fazia parte do latim como um dialeto linguístico do Império Romano, porém era considerada uma língua sem prestígio e falada somente pela sociedade mais pobre ou menos influente do Antigo Império. É válido ressaltar que não existia somente um latim vulgar, mas sim diversos tipos de latim vulgar falados por diferentes classes sociais.

Com a queda do Império Romano o latim falado popularmente expandiu-se para outras regiões, e o latim clássico perdeu sua influência na oralidade, tendo se tornado uma língua para a especulação filosófica. Desta maneira, com a influência dos dialetos já existentes, sem a centralização de Roma, e com as formas distintas do latim vulgar, em cada uma dessas províncias surgiram formas dialetais diferentes do latim vulgar falado pelo Antigo Império. Com isso novas línguas surgem, línguas essas que conhecemos hoje como *neolatinas* ou *românicas*, que são: o provençal, o italiano, o português, o francês, o espanhol e o romeno. É importante ressaltar que essas línguas surgiram principalmente do latim vulgar utilizado pela população de cada região específica, e por isso em cada uma dessas variedades deu-se uma nova língua.

Com esta breve introdução sobre o surgimento das línguas românicas, começamos a descrever o surgimento da língua portuguesa a partir da língua latina, sendo assim podemos direcionar nosso estudo ao léxico justificando o porquê da nossa língua ainda carregar muitos traços linguísticos do latim, como na classe dos pronomes.

O artigo insere-se em reflexões advindas de estágio de monitoria de língua latina, na Universidade Federal Fluminense, e de participação no grupo de pesquisas “Filologia, línguas clássicas e línguas formadoras da cultura nacional” (FILIC/CNPq/UFF), que desenvolve o projeto de pesquisa *Regna Brasillica: o Brasil quinhentista à luz da Historiografia da Linguística*.

## **2. As perdas e ganhos do latim clássico ao latim vulgar**

Com a evolução de muitos vocábulos latinos, houve na língua portuguesa a continuidade de algumas formas originais latinas e reconfigurações de outras, no sistema da nova língua. Diversos vocábulos ora sofreram mudanças no seu valor morfossintático, ora permaneceram com as suas características sintáticas e sofreram apenas transformações morfológicas – ambas as relações podem se caracterizar como ganhos e perdas. Essa relação de perdas e ganhos, inicialmente, já acontecia na relação entre latim clássico e latim vulgar, com isso explicaremos como tais mudanças ocorriam com o sistema de nomes.

As transformações linguísticas do latim clássico ao latim vulgar organizam-se de duas maneiras, podendo a primeira ser rotulada como “forma encaixada”, e a segunda como “forma não encaixada”. Em princípio as mudanças encaixadas acontecem quando, segundo Tarallo (1990), “ocorrem mudanças linguísticas no campo fonológico de uma palavra e assim transcorre uma alteração no campo morfossintático”, por exemplo. Tarallo (1990) ainda afirma que estes tipos de mudanças podem ser classificados como perdas e ganhos, pois mesmo que uma palavra perca uma de suas características, ainda sim ela ganhará outra, sendo no campo fonológico, morfológico, sintático, ou em ambas, como no plano morfossintático.

Uma das mudanças que podemos analisar é a mudança a partir do campo fonológico para o morfossintático, sabendo que o latim clássico possuía 5 declinações. Percebe-se que o latim vulgar reduziu seu quadro de declinações para apenas 3, como Tarallo (1990) aponta, “a redução ocorre pois era fácil confundir-se a primeira com a quinta declinação, e a

segunda com a quarta declinação”. Isto ocorreu pela familiaridade com que muitas palavras tinham em suas terminações – sendo distintas apenas pelo genitivo singular –, por isso uma tendência do latim falado e do latim clássico, segundo Tarallo (1990, p. 119), era “o apagamento do /m/ final”, com isso o autor ainda explica ser “a causa da alternância entre o nominativo e o genitivo desaparecer”. Com a língua latina perdendo suas terminações para definir as suas desinências de casos ao longo do tempo, a língua portuguesa tem como ganho o traço morfossintático, e a ausência de casos e declinações. Assim, com as perdas da passagem do latim clássico ao latim vulgar, primeiramente, com as reduções em suas declinações, a partir do campo fonológico para o campo morfológico, ganhamos na língua portuguesa traços morfossintáticos, que serviriam como “ganho” de palavras novas, como, por exemplo, os pronomes para ajudar a classificar as palavras dentro das orações. Pois sem as desinências de caso como ocorria no latim, era preciso que houvesse um mecanismo de classificação para organização da língua portuguesa, preposições, por exemplo, substituem as relações sintáticas estabelecidas anteriormente pelo sistema de casos.

Coutinho (1969) explica a disposição da organização da sintaxe que seria posteriormente um ganho para a língua portuguesa:

As palavras se dispunham em latim vulgar, segundo a ordem da elaboração do pensamento, ou seja, sujeito + verbo + objeto ou predicado, em contraposição ao uso da língua clássica. Aconteceu que essa ordem seguida, quase invariavelmente, acabou por fixar a função das palavras nas frases. Assim não se justificava mais a manutenção dos casos. (COUTINHO, 1969, p. 228)

No nível **morfossintático**, o latim clássico tinha cinco declinações, depois, com a simplificação das declinações para o latim vulgar, reduzir-se o sistema da língua a apenas três declinações. Isto ocorreu após alterações fonéticas afetarem o sistema morfológico da língua, pois, no campo **fonológico**, muitas palavras eram semelhantes em suas declinações, por isso a redução gerou uma perda no campo também **morfológico** da língua – com o apagamento das desinências de caso. Assim, uma das características principais do latim clássico que era a disposição de qualquer palavra no campo sintagmático organizou-se de maneira natural para outros sequenciamentos sintáticos. Logo a disposição de construções sintáticas do latim vulgar alterou-se, de **SOV** → para **SVO**, assim com a perda dos casos, posteriormente, nas línguas neolatinas, como o português, que possuem uma estrutura sintática como **SVO**, em decorrência de uma herança do latim vulgar, concluindo assim que a nova es-

trutura sintagmática foi um ganho para a língua portuguesa. Neste aspecto, podemos dizer que esse fenômeno ocorreu de forma encaixada.

Tabela 1: Disposição sintagmática do latim clássico ao português moderno.

Latim Clássico	Latim vulgar	Português
<b>SOV</b> <i>Regina poetam amat.</i>	<b>SVO</b> <i>Regina amat poetam.</i>	<b>SVO</b> A rainha ama o poeta.

Fonte: Marcotulio, Leonardo Lennertz *et al* (2018, p. 207).

### 3. *Os pronomes*

Na *Gramática superior da língua latina* (FARIA, 1958), no capítulo “Pronomes”, o autor Ernesto Faria inicia, demonstrando que, no latim, assim como no português, existem seis categorias de pronomes, sendo eles: possessivos, pessoais, demonstrativos, interrogativos, relativos e indefinidos. Os pronomes na língua latina são declináveis, embora sua declinação não acompanhe a mesma declinação do sistema nominal. Os dois grupos os quais são divididos os sistemas pronominais são:

1. Pronomes pessoais e possessivos;
2. Pronomes demonstrativos, interrogativos, relativos e indefinidos.

Uma das diferenças do latim para o português é que no latim tínhamos o pronome possessivo neutro, já no português apenas há dois gêneros gramaticais o feminino e o masculino. Os pronomes possessivos se declinam em nominativo, genitivo, dativo, acusativo, vocativo e ablativo, essas declinações ocorrem para as três pessoas gramaticais. No latim, a ordem das palavras em uma frase não era necessária para haver sentido, isto ocorria, porque na língua latina as terminações das palavras demonstravam qual era a sua função sintática – diferente do português –, por isso as declinações eram definidas como casos. Na gramática de Faria, existem duas divisões para os pronomes, sendo a primeira para os pronomes pessoais e possessivos, e a segunda para os pronomes demonstrativos, relativos, interrogativos e indefinidos.

3.1. *Pronomes Pessoais e Possessivos*

Tabela 2: Pronomes Pessoais.

SINGULAR		
	I) 1. <sup>a</sup> Pessoa	II) 2. <sup>a</sup> Pessoa
Nom.	ego	tu
Voc.		tu
Acus.	me	te
Gen.	mei	tui
Dat.	mihi	tibi
Abl.	me	te
PLURAL		
	III) 1. <sup>a</sup> Pessoa	IV) 2. <sup>a</sup> Pessoa
Nom.	nos	vos
Voc.		vos
Acus.	nos	vos
Gen.	nostrum, ou nostrum	uestrum, ou uestrum
Dat.	nobis	uobis
Abl.	nobis	uobis
V) Reflexivos, para as terceira pessoa do singular e do plural :		
Acus.	se	
Gen.	sui	
Dat.	sibi	
Abl.	se	

Fonte: Ernesto Faria (1958, p. 132).

As características principais dos pronomes pessoais são que se assemelham ao verbo no qual acompanham e não possuem indicação quanto ao gênero. Há distinção nos temas entre a 1.<sup>a</sup> Pessoa do singular e a 2.<sup>a</sup> Pessoa do singular com a 1.<sup>a</sup> Pessoa do Plural e a 2.<sup>a</sup> Pessoa do Plural. O tema do nominativo singular é diferente do tema dos outros casos. Outra característica importante para a língua portuguesa é que nossos pronomes pessoais do caso reto vieram diretamente da forma acusativa dos pronomes pessoais latinos, assim como as formas reflexivas dos pronomes pessoais do português vieram da forma reflexiva dos pronomes pessoais reflexivos latinos.

Tabela 3: Pronomes Possessivos.

1. <sup>a</sup> Pessoa do singular	<i>Meu / Mea / Meum</i>	Meu / Minha
2. <sup>a</sup> Pessoa do singular	<i>Tuus / Tua / Tuum</i>	Teu / Tua
1. <sup>a</sup> Pessoa do plural	<i>Noster / Nostra / Nostrum</i>	Nosso / Nossa
2. <sup>a</sup> Pessoa do plural	<i>Uester / Uestra / Uestrum</i>	Vosso / Vossa
3. <sup>a</sup> Pessoa do singular e plural	<i>Suus / Sua / Suum</i>	Seu / Sua

Os pronomes possessivos declinam-se, segundo o autor, da mesma maneira que adjetivos de primeira classe. Embora geralmente os possessivos não possuem vocativo, os pronomes “meus” apresenta um vocativo *mi* (masculino) e *mea* (feminino). Semelhante aos pronomes pessoais, os possessivos podem vir acompanhados de terminação “-pte”, embora isso só seja encontrado em textos acompanhados de ablativo. Em semelhança a língua portuguesa, no latim os pronomes possessivos não tinham função de designar um substantivo, em ambas as línguas suas características são adjetivas.

### 3.2. Pronomes Demonstrativos

Tabela 3: Pronomes demonstrativos.

1ª Pessoa do singular	<i>Hic</i> – Este <i>Haec</i> – Esta <i>Hoc</i> – Isto
2ª Pessoa do singular	<i>Iste</i> – Esse <i>Ista</i> – Essa <i>Istud</i> – Isso
3ª Pessoa do singular	<i>Ille</i> – aquele <i>Illa</i> – aquela <i>Illud</i> – aquilo

Os pronomes demonstrativos, segundo Faria, servem para demonstrar objetos ou pessoas. E suas declinações seguem como a dos adjetivos de primeira classe, isto é, se declinam de acordo com a primeira ou a segunda declinação, de acordo com o termo a qual se referem. Embora ainda preservem características que lhe são distintas.

É importante ressaltar que da forma dativa do pronome demonstrativo *ille*, obtivemos o pronome pessoal de segunda pessoa singular “e-le”, esse processo ocorreu através das perdas e ganhos, como a mudança morfossintática do pronome demonstrativo para o pronome pessoal do caso reto, assim como as mudanças fonéticas e fonológicas.

### 3.3. Pronomes Relativos

Tabela 4: Pronomes relativos.

SINGULAR			
	Masc.	Fem.	Neut.
Nom.	qui	quae	quod
Acus.	quem	quam	quod
Gen.	quorum	quarum	quorum
Dat.	quibus	quibus	quibus
Abi.	quibus	quibus	quibus
PLURAL			
	Masc.	Fem.	Neut.
Nom.	qui	quae	quae
Acus.	quos	quas	quae
Gen.	quorum	quarum	quorum
Dat.	quibus	quibus	quibus
Abi.	quibus	quibus	quibus

Fonte: Ernesto Faria (1958, p. 141).

Os **pronomes relativos** se declinam quase que da mesma maneira, em diversos casos, como os pronomes demonstrativos. Na tabela acima podemos observar os pronomes relativos do português que se originaram dos pronomes relativos latinos. Respectivamente os pronomes relativos latinos tinham sua forma masculina, feminina e neutra em *qui*, *quae* e *quod*, sendo “que”, “qual” e “quem”.

### 3.4. Pronomes Interrogativos – Indefinidos

Tabela 5: Pronomes interrogativos – indefinidos.

SINGULAR			
	Masc.	Fem.	Neut.
Nom.	quis, qui	quis, quae, quae	quid, quod
Acus.	quem	quam	quid, quod
Gen.	quorum	quorum	quorum
Dat.	quibus	quibus	quibus
Abi.	quibus	quibus	quibus
PLURAL			
	Masc.	Fem.	Neut.
Nom.	qui	quae	quae, quae
Acus.	quos	quas	quae, quae
Gen.	quorum	quarum	quorum
Dat.	quibus	quibus	quibus
Abi.	quibus	quibus	quibus

Autor: Ernesto Faria (1958, p. 141).

Os pronomes interrogativos e indefinidos no latim estão estreitamente ligados aos pronomes relativos. *Quis*, *quid*, os quais seriam respectivamente “quem?”, “que?” e “qual?”, declinam-se como podemos



observar na tabela acima. Os pronomes interrogativos da língua portuguesa advêm da forma nominativa.

Para o **sistema pronomes indefinidos** eles são numerosos, pois se dispõem do sistema dos pronomes interrogativos-indefinidos, em *quis*. Para todos esses pronomes a forma *quis* é declinável sofrendo nenhuma alteração a sua forma enclítica. Na tabela abaixo podemos observar alguns pronomes dos indefinidos latinos.

Tabela 6: Pronomes indefinidos.

<i>Aliquis</i>	<i>ecquis</i>	<i>quidam</i>	<i>quisnam</i>
<i>Aliqua</i>	<i>ecqua</i>	<i>quaedam</i>	<i>quaenam</i>
<i>aliquid ou aliquod</i>	<i>ecquid ou ecquod</i>	<i>quiddam ou quoddam</i>	<i>quidnam</i>
“qualquer um que não eu, alguém”, “alguma coisa”.	“há alguém que?”, “há algum que?”, “há algo que?”, “a-caso alguém?”, “quem há que?”.	“um certo”, “al-gum”.	“quem pois?”, “que pois?”.

Alguns dos indefinidos que não são formados por *quis*:

Tabela 7: Pronomes indefinidos não formados por *quis*.

<i>alius</i>	<i>uter</i>	<i>unus</i>	<i>solus</i>
<i>alia</i>	<i>utra</i>	<i>una</i>	<i>sola</i>
<i>aliud</i>	<i>utrum</i>	<i>unum</i>	<i>solum</i>
“outro”, “outra”	“qual dos dois”, “aquele dos dois que”	“um”, “uma”	“só”

Para esse pronomes suas declinações ocorrem da mesma maneira, sendo seu genitivo singular em “-ius”, e seu dativo singular em “-i”. Dito isto, podemos deprender como os pronomes indefinidos da língua portuguesa sofreram o processo de mudanças morfológicas através do radical de *quis* mais a união dos pronomes indefinidos do latim.

Assim, apresentamos um resumo geral sobre a categoria de pronomes segundo Faria (1958), o autor explica que os pronomes pessoais não se caracterizam por classificação de gêneros, assim como o singular

e plural não se aproximam no campo morfológico quanto ao campo semântico. Uma das características que se preservou do indo-europeu foi a sua forma invariável do nominativo, somente no mais tardar ocorreram as suas declinações e por ser um sistema que as gerou posteriormente das outras categorias, ocorre que o sistema de pronomes pessoais nas demais línguas se tornam distintas entre si, essas que possuem o latim como língua matriz. Já a categoria de pronomes demonstrativos o autor explica que é a mais próxima do sistema de declinações nominais, com uma predisposição de boa assimilação ao ponto de assemelhar-se a forma arcaica, porém ele explica que do ponto de vista semântico sofre um enfraquecimento do seu valor expressivo por serem frequentemente usadas, para isso utiliza-se com recorrência elementos os quais os tornam mais enfáticos, o uso do enclíticos em *-ce* é um exemplo, assim como o uso de outros comumente usados como o *ipse* e *idem*. Por fim, temos o interrogativo-indefinido, o qual Faria (1958) esclarece ser um pronome de mesma categoria do indo-europeu, embora este pronome interrogativo-indefinido latino sirva de uso ao pronome relativo, isto ocorre, porque o radical de origem de ambos os pronomes é **kwe/ kwo** e **kwei**, muito embora fossem distintos apenas pela sua tonicidade. Sendo os interrogativos quando seus temas fossem expressos em tônicos e os indefinidos em átonos. Assim no latim transcorreu o processo de **kwe/kwo** em pronome relativo e **kwei** para os pronomes interrogativos-indefinidos, desta maneira inferimos como as declinações de ambas as categorias pronominais se assemelham.

Neste tópico vimos como os pronomes latinos se declinam e as suas características principais. Este panorama é importante, pois nos faz compreender melhor como os processos de mudanças morfossintáticas aconteceram do latim à língua portuguesa. E para isso, é necessário que façamos um breve retorno à gramática latina.

#### 4. *Análise do pronome oblíquo átono ille de acordo com as perdas e ganhos do pronome latino demonstrativo illī*

Tabela 8: Pronomes demonstrativos de 3ª pessoa do singular.

	S I N G U L A R		
	Maac.	Fem.	Neut.
Nom.	illē	illē	illud
Accus.	illum	illam	illud
Gen.	illi	illius	illius
Dat.	illi	illi	illi
Abl.	illo	illa	illo

Fonte: Ernesto Faria (1958, p. 136).

Inicialmente o pronome de tratamento oblíquo de terceira pessoa não existia no latim, porém, como muitos pronomes neolatinos, ele originou-se do pronome demonstrativo em sua forma dativa, o *illī*. Assim ocorre o processo de transformação do pronome demonstrativo *illī* até o pronome oblíquo átono *lhi*, segundo Mattoso Câmara Jr. (1985), existiam no português arcaico as duas formas “li” e “lhi”, sendo assim o processo ocorrido foi da seguinte maneira *illī*>*li*>*lhi*, como vemos no slide. Assim observamos a aférese da primeira vogal em *illī*, depois deste processo ocorre a mudança da consoante lateral alveolar sonora /l/ eda sua geminada para a líquida palatal /ʎ/. Sabendo que, do latim clássico ao latim vulgar, houve uma redução das vogais tônicas – de dez para sete –, do latim vulgar ao português arcaico, houve a manutenção dessas setes vogais, de acordo com Mattos e Silva (2006), dito isto, percebemos que a vogal longa /ī/ ainda se mantém como uma vogal anterior fechada /i/. Assim, obtemos a perda da primeira vogal e a manutenção da última vogal em seu timbre, e a transformação da consoante lateral alveolar sonora /l/ eda sua geminada para uma líquida palatal /ʎ/, no pronome demonstrativo *illī* ao pronome oblíquo átono “lhi” do latim ao português arcaico. Outra manutenção ao qual podemos observar é no campo sintagmático, pois temos um pronome demonstrativo *illī* em sua forma dativa, que dá origem a uma forma de pronome oblíquo átono “lhi”, podemos dizer que ocorreu uma perda encaixada, sendo a perda no seu aspecto morfológico e o encaixamento na manutenção da função que ambos os pronomes *illī* e *lhi* exercem no sistema sintático, pois tanto *illī* pronome demonstrativo e “lhi” pronome oblíquo átono fazem papel de objeto indireto.

##### 5. Considerações finais

Em suma, este artigo demonstra as características e os aspectos de perdas e ganhos da classe de palavras dos pronomes. Desse modo nos aprofundamos nas causas e nas características as quais levaram do pronome aqui analisado a sofrer modificações morfológicas com algumas perdas através dos aspectos fonético-fonológicos, ou com a permanência de suas funções sintáticas e semânticas. Assim, nossa pesquisa evidencia a importância do estudo da língua latina para compreender melhor a língua portuguesa, pois através dessas análises fomos capazes de perceber a origem de um termo de forma a demonstrar o processo de mudança dessa palavra destacando uma visão mais profunda da língua através de um recorte no tempo.

Isto é necessário para a nossa compreensão, pois, como docentes e estudiosos da língua, seremos capazes de percorrer muitos campos linguísticos através dos estudos desses vocábulos. Por isso, a historiografia da linguística tem um papel importante, pois para além de uma análise do campo linguístico, visto que é estudado o contexto histórico do qual se direciona o seu escopo de pesquisa. A partir desse ponto de vista podemos realizar um trabalho também sócio-histórico, à medida que nos aprofundamos no estudo da mudança linguística.

Assim concluímos através deste estudo que pronomes sofreram uma evolução em sua forma sintática e gramatical após séculos, porém muitas dessas características que vieram da sua língua matriz ainda permanecem nas línguas latinas, como no caso do português. Essas características são perceptíveis em livros de estudo da língua como vemos na *Gramática Superior da Língua Latina*, de Ernesto Faria. Deste modo, no capítulo de pronomes percebemos suas características e declinações e suas funções dentro da linguagem, que são importantes para entender como nossos pronomes na língua portuguesa surgiram e se mostram dentro da nossa gramática, mas não somente isso, esse estudo nos mostra como a língua é mutável e como ao decorrer dos séculos ela vai se moldando e evoluindo através de seus falantes.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos da gramática histórica*. 6. ed. Revista (2. impressão). Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969.

FARIA, Ernesto. *Gramática Superior da Língua Latina*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1958.

KALTNER, Leonardo Ferreira. Latin in colonization of sixteenth century Brazil. *Cadernos de Letras da Uff*, n. 26 (53), p. 39-60, 2016.

\_\_\_\_\_. As ideias linguísticas no discurso De Liberalium Artium Studiis (1548). *Confluência*, n. 56, p. 197-217, Rio de Janeiro, 2019a.

\_\_\_\_\_; SANTOS, M. C. S.; TEIXEIRA, V. L. Gaspar da Índia: o língua e o Brasil quinhentista. *Confluência*, v. 57, p. 9-35, 2019.

\_\_\_\_\_; SILVA, S. C. S. Gramáticas e gramaticografia: uma análise pela Historiografia Linguística. *Revista Philologus*, ano 25, n. 75, v. 2. p. 1564-72, Rio de Janeiro: CiFEFiL, set./dez. 2019.

\_\_\_\_\_. O Brasil quinhentista e a Historiografia Linguística: interfaces. *Cadernos do CNLF*, n. 23, p. 424-39, Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2019b.

\_\_\_\_\_. Monumenta Anchieta à luz da Historiografia Linguística: o trabalho filológico de Pe. Armando Cardoso-SJ (1906–2002). *Cadernos de Linguística da Abralin*, ano 1, n. 1, p. 1-15, 2020a.

\_\_\_\_\_. *O pensamento linguístico de Anchieta e de Carl von Martius: estudos historiográficos*. Ponta Grossa: Atena, 2020b.

\_\_\_\_\_. Por uma edição crítica da gramática de Anchieta (1595). *Revista Philologus*, ano 26, n. 76, v. 2, p. 717-31, Rio de Janeiro: CiFEFiL, set./dez. 2020c.

\_\_\_\_\_. Regna Brasillica: contextualização da Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil (1595). *Revista da Abralin*, n. 19, p. 1-25, 2020d.

\_\_\_\_\_; SANTOS, M. C. S. Schola Aquitanica e a gramática de Despauterius: intertextualidades. *Revista Philologus*, n. 76, v. 2, p. 750-59, Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2020.

\_\_\_\_\_. The Grammar Corpus in the Horizon of Retrospection of S. José de Anchieta, SJ (1534-1597). *Global Journal of Human-social Science: G Linguistics & Education*, n. 20, p. 37-44, 2020e.

\_\_\_\_\_. The place of Anchieta's Grammar in the history of linguistic thought in Brazil. *Cadernos de Linguística*, v. 2, n. 1, p. e 610, 2022. Disponível em: <https://cadernos.abralin.org/index.php/cadernos/article/view/610>. Acesso em 14 fe. 2022.

MARCOTULIO, Leonardo Lennertz *et al.* *Filologia, história e língua: olhares sobre o português medieval*. 1. ed. São. Paulo: Parábola, 2018, p. 207.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *O Português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe*. Local: Contexto, 2006.

MATTOSO CAMARA Jr., J. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1985.

TARALLO, Fernando. *Tempos linguísticos: Itinerário histórico da língua portuguesa*. São Paulo: Ática, 1994.